

TUCÍDIDES

História da Guerra do Peloponeso

Tradução Direta do Grego, Apresentação e Notas
MÁRIO DA GAMA KURY

2022



Copyright © 2022 by herdeiros de Mário da Gama Kury

Editores

Marcelo Toledo e Valéria Toledo

Assistente Editorial

Shirley Salluco Paredes

Projeto Gráfico

KOPR Comunicação

Impresso no Brasil.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Todos os direitos desta edição são reservados à Editora Madamu

Rua Terenas, 66, conjunto 6, Alto da Mooca, São Paulo, SP

CEP 03128-010 - Fone: (11) 2966 8497

www.madamu.com.br

E-mail: leitor@madamu.com.br

T532h Tucídides (c. 465 - 395 a.C.).
História da Guerra do Peloponeso. Tradução de Mário da Gama Kury. - São Paulo: Editora Madamu, 2022.

628p., 16 x 23cm
Tradução do original grego
ISBN 978-65-86224-25-2

1. História Antiga. 2. Grécia. 3. Guerra do Peloponeso. 4. Pensamento Político Clássico.

CDD: 938.05

Índices para catálogo sistemático:

1. História Antiga.
2. Grécia.
3. Guerra do Peloponeso.
4. Pensamento Político Clássico.

Sumário

<i>Apresentação</i>	21
---------------------------	----

LIVRO PRIMEIRO

1 a 19: O autor passa em revista os tempos primitivos da Hélade, para provar que a guerra do Peloponeso ultrapassou todas as outras em importância.	29
20 a 23: Objetivo do autor na redação de sua obra; métodos e meios adotados por ele para atingir o objetivo	41
24 a 31: Acontecimentos causadores da guerra do Peloponeso; incidente de Epídamnos; guerra entre Cócira e Corinto; primeiro combate naval	43
32 a 43: Os corcireus conseguem a aliança com Atenas; discursos dos corcireus e dos coríntios	48
44 a 55: Segundo combate naval entre os corcireus e os coríntios; fim da guerra de Cócira.	55
56 a 66: Defecção de Potideia; combate travado junto às muralhas da cidade e cerco iniciado pelos atenienses.	60
67 a 87: Os lacedemônios declaram rompido o tratado existente com Atenas; discursos dos coríntios, dos atenienses, de Arquídamos e de Stenelaídas	64
88 a 98: Digressão sobre o período decorrido entre as guerras com os persas e a do Peloponeso; crescimento do poderio ateniense; origem e condições de seu império	78
99 a 125: Os lacedemônios convocam uma assembleia geral de seus aliados e acertam com eles a declaração de guerra aos atenienses; discurso dos coríntios	84

126 e 127: Queixas e recriminações recíprocas dos lacedemônios e dos atenienses; conjuração de Cílon; sacrilégio a expiar	98
128 a 134: Traição e morte de Pausânias.	100
135 a 138: Exílio e fim de Temístocles.	105
139: <i>Ultimatum</i> dos lacedemônios	108
140 a 146: Os atenienses decidem ir à guerra; primeiro discurso de Péricles	109

LIVRO SEGUNDO

1 a 6: Início da guerra; trama dos tebanos contra Plateia	115
7 a 9: Preparativos e aliados dos dois lados	119
10: Os peloponésios se reúnem no istmo.	120
11: Alocução de Arquídamos.	121
12: Envio inútil de um emissário espartano a Atenas.	122
13: Péricles expõe aos atenienses seus planos de guerra	122
14 a 17: Retirada dos camponeses da Ática para a cidade; digressão sobre as antigas condições da Ática.	124
18 a 25: Primeira invasão da Ática pelos peloponésios; envio de uma frota ateniense para rondar o Peloponeso	126
26: Expedição naval dos atenienses contra a Lócrida.	130
27: Expulsão dos eginetas.	130
28: Eclipse do sol	131
29: Aliança dos atenienses com Sitalces, rei dos odrísios	131
30 a 32: Os atenienses tomam Sólion, Ástacos e Cefalênia, invadem a Megárida e fortificam a ilha de Atalante.	132
33: Expedição dos coríntios contra Ástacos.	133
34: Funerais dos atenienses mortos em combate no primeiro ano de guerra	133
35 a 46: Oração fúnebre pronunciada por Péricles.	134
47 a 57: Segundo ano da guerra; segunda invasão da Ática pelos peloponésios; peste em Atenas	141
58: Envio de reforços ao exército ateniense que sitiava Potideia	146
59: Irritação dos atenienses contra Péricles	147

60 a 64: Discurso de Péricles.	147
65: Morte de Péricles e apreciação de sua administração . . .	151
66: Expedição naval dos peloponésios contra Zácintos.	151
67: Detenção dos representantes dos lacedemônios enviados ao rei da Pérsia.	153
68: Expedição dos ambraciotas contra Argos Anfiloquiana .	154
69: Operações marítimas dos atenienses contra o Peloponeso, a Cária e a Lícia	155
70: Tomada de Potideia.	155
71 a 78: Terceiro ano da guerra; cerco de Plateia pelos peloponésios.	156
79: Derrota dos atenienses em Spártolos	161
80 a 82: Derrota dos peloponésios em Stratos.	162
83 a 92: Batalhas navais no golfo de Corinto; exortações de Brasidas e Fórmion	164
93 e 94 Tentativa dos peloponésios contra o Pireu	172
95 a 101: Expedição de Sitalces à Macedônia; digressão sobre o reino dos odrísios	173
102 e 103: Expedição de Fórmion à Acarnânia	178

LIVRO TERCEIRO

1: Quarto ano da guerra; terceira invasão da Ática pelos peloponésios.	181
2 a 6: Lesbos, à exceção de Métimna, revolta-se contra Atenas	181
7: Expedição marítima dos atenienses contra o Peloponeso, Eníadas e Lêucade	184
8 a 15: Os peloponésios recebem os lésbios em sua aliança; discurso dos representantes de Lesbos.	184
16: Envio de uma frota ateniense contra o Peloponeso	188
17: Forças marítimas reunidas pelos atenienses	189
18: Os atenienses começam o cerco de Mitilene.	189
19: Os atenienses impõem a primeira contribuição de guerra e enviam Lísicles para recolher o tributo entre os aliados	190
20 a 24: Fuga de parte dos plateus cercados.	190

25: Envio do lacedemônio Sáletos a Mitilene	194
26: Quinto ano da guerra; quarta invasão da Ática pelos peloponésios	194
27 e 28: Rendição de Mitilene	194
29 a 32: Uma frota peloponésia aparece na Iônia	195
33 e 34: O ateniense Pagues a persegue	197
35: Pagues envia para Atenas mil metímnos aprisionados ..	198
36: Os atenienses condenam à morte todos os mitilênios; nova assembleia a propósito da decisão	198
37 a 40: Discurso de Clêon	199
41 a 48: Discurso de Diódotos	203
49 e 50: Os atenienses se limitam a punir os culpados e confiscar as terras de Lesbos	207
51: Nícias se apodera de Minoa	208
52: Rendição de Plateia	208
53 a 59: Discurso dos plateus	209
60 a 67: Réplica dos tebanos	214
68: Os plateus são executados e sua cidade é arrasada	219
69 a 81: Rebelião em Cócira	219
82 a 85: Digressão sobre as perturbações políticas na Hélade.	225
86: Envio de uma frota ateniense à Sicília	228
87: Recrudesce a peste em Atenas no inverno.	229
88: Expedição dos atenienses à Sicília e dos régios contra as ilhas de Éolos	229
89: Sexto ano da guerra; terremotos e inundações em várias partes da Hélade	230
90: Os atenienses se apoderam de Messene	230
91: Expedição marítima contra Melos	231
92 e 93: Fundação de Heracleia Traquínia	231
94 a 98: Expedição malsucedida de Demóstenes à Etólia	233
99: Expedição dos atenienses contra a Lócrida	235
100 a 102: Tentativa fracassada dos lacedemônios e dos etólios contra Náupactos	235
103: Combates na Sicília	237
104: Purificação de Delos	237

105 a 114: Guerra dos acarnânios e dos ambraciotas	239
115: A situação na Sicília.	244
116: Erupção do Etna	244

LIVRO QUARTO

1: Sétimo ano da guerra; captura de Messene pelos siracusanos	245
2 a 6: Quinta invasão da Ática pelos peloponésios; Demóstenes fortifica Pilos	246
7: Êion, na Calcídice, é capturada e perdida pelos atenienses	247
8 e 9: Ataque dos lacedemônios a Pilos	248
10: Exortação de Demóstenes a seus soldados	249
11 a 14: Combate junto às muralhas de Pilos; bloqueio de tropas lacedemônias na ilha de Sfactéria	250
15 e 16: Armistício	252
17 a 20: Discurso dos lacedemônios em Atenas	253
21 a 23: Reinício das hostilidades	255
24 e 25: Eventos militares na Sicília.	257
26 a 41: Clêon assume o comando dos atenienses em Pilos e aprisiona os lacedemônios de Sfactéria	259
42 a 45: Expedição naval dos atenienses a Corinto.	268
46 a 48: Novas desordens em Cócira; massacre do partido aristocrático	271
49: Captura de Anactórion pelos atenienses e acarnânios. . .	273
50: Detenção de um embaixador do rei da Pérsia pelos atenienses	273
51: Demolição das muralhas de Quios.	273
52: Oitavo ano da guerra; os banidos de Mitilene capturam Ântandros	273
53 a 55: Os atenienses conquistam Citera	274
56: Captura de Tireia pelos atenienses	276
57 a 65: Os helenos da Sicília fazem a paz entre si; discurso de Hermócrates	276

66 a 74: Os atenienses capturam Niseia e as longas muralhas de Mégara	281
75: Os atenienses retomam Ântandros; revés de Lâmacos no Pontos	287
76: Trama dos atenienses contra a Beócia	288
77 a 82: Brasidas conduz um exército peloponésio até a Trácia por terra.	289
83: Expedição de Brasidas contra Arrábeos, rei dos lincéstios	292
84 a 88: Brasidas captura Ácantos; seu discurso aos acântios	293
89 a 91: Os atenienses fortificam Délion	295
92: Exortação de Pagondas aos beócios	297
93 e 94: Preparativos para o ataque	298
95: Exortação de Hipócrates aos atenienses.	299
96 a 101: Batalha de Délion; derrota dos atenienses; captura de Délion pelos beócios	299
102 a 108: Brasidas captura Anfípolis	303
109: Avanço de Brasidas pela costa da Trácia	307
110 a 116: Brasidas captura Torone e Lécitos.	308
117 a 119: Nono ano da guerra; trégua entre Atenas e a Lacedemônia	311
120 a 123: Defecção de Cione e Mende, apoiada por Brasidas apesar da trégua	313
124 a 128: Segunda expedição de Brasidas e Perdicas contra Arrábeos	316
129 a 131: Os atenienses retomam Mende e sitiam Cione.	319
132: Perdicas se reconcilia com os atenienses	321
133: Os tebanos destroem as muralhas de Téspis; incêndio no templo de Hera em Argos.	322
134: Combates entre os mantineus e os tegeus	322
135: Tentativa de Brasidas contra Potideia.	323

LIVRO QUINTO

1: Décimo ano da guerra; os atenienses expulsam os délios da ilha de Delos	325
2 e 3: Clêon retoma Torone	325

4 e 5: Embaixada dos atenienses à Sicília	327
6 a 8: Clêon marcha contra Anfípolis	328
9: Exortação de Brasidas às suas tropas	329
10 e 11: Batalha de Anfípolis; morte de Clêon e Brasidas	330
12 e 13: Ranfias parte da Lacedemônia com reforços destinados ao exército na Trácia; notícias tranquilizadoras o levam a regressar	333
14 a 17: Gestões preliminares para a paz	333
18 a 20: Tratado de paz entre os atenienses e lacedemônios	336
21: Clearidas se recusa a entregar Anfípolis	338
22 a 24: Aliança entre Atenas e a Lacedemônia.	339
25 e 26: Décimo primeiro ano da guerra; observações cronológicas sobre a duração da guerra do Peloponeso	340
27 e 28: Os argivos chefiam uma aliança oposta aos lacedemônios	342
29: Mantineia adere à aliança de Argos	342
30: Os lacedemônios tentam inutilmente engajar Corinto e a Beócia no tratado de paz concluído por eles com Atenas	343
31: Os eleus e os coríntios aderem à liga de Argos	344
32: Os atenienses retomam Cione; os tegeatas e os beócios se recusam a aderir à aliança de Argos.	344
33: Expedição da Lacedemônia contra os parrásios.	345
34: Recompensas conferidas aos soldados de Brasidas; degradação dos prisioneiros de Sfactéria	346
35: Captura de Tissos pelos dios	346
36 a 38: Intrigas dos éforos para romper a paz	347
39: Os lacedemônios concluem uma aliança em separado com os beócios.	349
40 e 41: Décimo segundo ano da guerra; entendimentos entre Argos e a Lacedemônia.	350
42 a 47: Os beócios arrasam Pânacton antes de entregá-la aos atenienses; estes, irritados com os lacedemônios por isto, concluem uma aliança com Argos, Mantineia e Élis	351
48: Corinto se reconcilia com os lacedemônios	356

49 e 50: Desentendimento entre os eleus e os lacedemônios	356
a propósito de Leprêon	
51: Derrota dos heracleotas	358
52: Décimo terceiro ano da guerra; expedição de Alcibiades contra o Peloponeso	358
53 a 55: Guerra entre Argos e Epídauros	359
56: Os lacedemônios socorrem os epidáurios; por este motivo os atenienses declaram o tratado rompido.	360
57 a 60: Décimo quarto ano da guerra; expedição dos lacedemônios contra Argos; trégua de quatro meses.	361
61 e 62: Reinício das hostilidades; os argivos capturam Orcômenos e ameaçam Tegeia	363
63 e 64: Os lacedemônios socorrem os tegeatas	364
65 a 74: Batalha de Mantinea; vitória dos lacedemônios	365
75: Hostilidades entre Argos e Epídauros	370
76 a 79: Paz e aliança entre os lacedemônios e os argivos	371
80 e 81: Dissolução da aliança de Argos	373
82: Décimo quinto ano da guerra; revolução democrática em Argos; aliança entre Argos e Atenas.	374
83: Expedição dos lacedemônios contra Argos e dos argivos contra a Fliásia.	375
84: Décimo sexto ano da guerra; expedição dos atenienses contra a ilha de Melos.	376
85 a 113: Diálogo entre os atenienses e os mélios	376
114: Cerco de Melos.	383
115: Diversas atividades dos argivos, dos atenienses, dos lacedemônios e dos coríntios	383
116: Captura de Melos pelos atenienses; tratamento cruel infligido a Melos	383

LIVRO SEXTO

1 a 6: Os atenienses planejam a conquista da Sicília; extensão, população e colonização da ilha.	385
7: Expedições dos lacedemônios à Argólida e dos atenienses à Macedônia.	389

8: Décimo sétimo ano da guerra; os atenienses propõem o envio de uma frota à Sicília para socorrer os egesteus e restituir aos leontinos a sua cidade	390
9 a 14: Nícias se opõe à expedição	391
15 a 18: Alcibíades, ao contrário, a recomenda	394
19: Os atenienses votam favoravelmente à expedição à Sicília.	398
20 a 23: Nícias tenta dissuadi-los alegando o vulto dos preparativos.	398
24 e 25: Seu discurso produz o efeito contrário.	400
26: Começam os preparativos	401
27 a 29: Mutilação das Hermas	402
30 a 32: Partida da frota ateniense.	403
33 e 34: Em Siracusa Hermócrates anuncia a aproximação dos atenienses e propõe medidas de defesa.	405
35 a 40: Atenágoras tenta refutá-lo, exprimindo os sentimentos da facção popular.	408
41: Um dos comandantes põe termo ao debate.	411
42 a 44: A viagem da frota ateniense.	411
45: Preparativos dos siracusanos.	413
46 a 49: Os comandantes atenienses se reúnem em conselho de guerra	413
50 a 52: Naxos e Catana se declaram a favor dos atenienses	415
53: Alcibíades é chamado de volta a Atenas.	417
54 a 59: Digressão sobre os pisistrátidas e Harmódios e Aristógiton.	417
60 e 61: Alcibíades foge e é condenado à revelia.	421
62: Captura de Hícara	423
63 a 71: Os atenienses desembarcam perto de Siracusa, derrotam os siracusanos e regressam a Catana.	423
72 e 73: Os siracusanos pedem ajuda a Corinto e à Lacedemônia	428
74: Os atenienses passam o inverno em Naxos.	429
75: Os siracusanos se fortificam.	430
76 a 87: Embaixadas dos dois lados em Camarina; discursos de Hermócrates e Êufemos.	431
88: Corinto e a Lacedemônia decidem apoiar Siracusa	438

89 a 92: Discurso de Alcibíades	439
93: Gílipos é indicado pelos lacedemônios para ir comandar os siracusanos	443
94 e 95: Atividades parciais dos atenienses e dos lacedemônios. .	443
96 e 97: Os atenienses se instalam em Epípolas e começam a sitiar Siracusa	444
98 a 103: Os atenienses iniciam o amuralhamento de Siracusa; os siracusanos tentam sem sucesso opor-se a tal iniciativa .	446
104: Gílipos chega à Itália com reforços	449
105: Os lacedemônios invadem a Argólida; os atenienses devastam a costa da Lacônia; rompimento ostensivo da paz	450

LIVRO SÉTIMO

1 a 3: Gílipos chega a Siracusa, passando por Himera	451
4: Os siracusanos constroem uma muralha cruzando Epípolas; os atenienses fortificam Plemírion.	453
5 e 6: Dois combates terrestres; no primeiro os siracusanos são vencidos, no segundo são vencedores	454
7: Chegada da frota coríntia a Siracusa	455
8: Nícias pede reforços a Atenas em carta	456
9: Expedição dos atenienses contra Anfípolis	456
10 a 15: Chega a Atenas a carta de Nícias; seu conteúdo	456
16 a 18: Eurímedon e Demóstenes são enviados à Sicília com reforços	459
19: Décimo nono ano da guerra; os lacedemônios invadem a Ática e fortificam Decêleia	461
20: Envio de uma frota ateniense ao litoral do Peloponeso. .	462
21: Gílipos convence os siracusanos a tentarem uma batalha naval.	462
22 a 24: Ataque a Plemírion por terra e por mar; Gílipos captura os fortes; a frota siracusana é repelida	463
25: Os siracusanos enviam doze naus à Itália	465
26: Os atenienses fortificam um promontório na Lacônia em frente a Citera	466

27 a 30: Mercenários trácios saqueiam Micálessos	466
31: Demóstenes recebe mais tropas em Cócira	469
32: Os sícelos interceptam reforços destinados aos siracusanos	470
33: Toda a Sicília, exceto Acragás e os aliados de Atenas, formam uma coalizão com Siracusa	471
34: Combate naval no golfo de Corinto	472
35: Demóstenes e Eurímedon na Itália	473
36 a 41: Duas batalhas navais no grande porto de Siracusa; na segunda os atenienses levam a pior	473
42: Demóstenes e Eurímedon chegam ao acampamento dos atenienses	477
43 a 45: Ataque noturno a Epípolas; derrota dos atenienses	478
46: Os siracusanos pedem novos reforços ao resto da Sicília	481
47 a 49: Os comandantes atenienses se reúnem em conselho de guerra	481
50 e 51: Os atenienses, na iminência de retirar-se, adiam a partida por causa de um eclipse da Lua	483
52 a 54: Grande batalha em terra e no mar; derrotas dos atenienses	485
55 e 56: Seu desalento; esperanças do inimigo	486
57 e 58: Enumeração dos aliados dos dois lados	487
59: Fechamento do porto de Siracusa	490
60: Os atenienses abandonam suas posições em terra e se preparam para um combate naval	490
61 a 64: Exortação de Nícias aos atenienses	491
65: Preparativos dos siracusanos	493
66 a 68: Exortação de Gílipos	493
69: Nova exortação de Nícias	495
70 e 71: Último combate naval; derrota dos atenienses	496
72 a 74: Os atenienses decidem retirar-se por terra; arдил de Hermôcrates para retê-los	498
75 e 76: Evacuação do acampamento pelos atenienses	500
77: Exortação de Nícias	502
78 a 80: Retirada dos atenienses	503
81 e 82: Capitulação de Demóstenes	505

83 a 85: Massacre da divisão de Nícias na travessia do rio Assínaros; Nícias se entrega a Gilipos	507
85 a 87: Morte de Nícias e de Demóstenes; destino deplorável dos prisioneiros	508

LIVRO OITAVO

1: Consternação em Atenas com a notícia do desastre na Sicília	511
2: Excitação geral dos helenos para participarem mais ativamente da guerra	512
3: Expedição de Ágis contra os eteus	513
4: Preparativos dos atenienses para a sua defesa	513
5: A Eubeia, Lesbos, Quios e Eritras manifestam intenções de rebelar-se contra Atenas	513
6: Os lacedemônios decidem apoiar primeiro Quios	514
7 a 11: Vigésimo ano da guerra; os lacedemônios enviam uma frota a Quios; os atenienses bloqueiam essa frota no porto de Píreon, em Corinto	515
12: Alcibíades é mandado pelos lacedemônios à Iônia	518
13: Regresso da frota peloponésia da Sicília a Corinto	518
14 a 17: Defecção de Quios, de Eritras, de Clazomene e de Míletos	518
18: Primeiro tratado de aliança dos lacedemônios com o rei da Pérsia	520
19 e 20: Operações dos atenienses contra Quios	521
21: Insurreição democrática em Samos	522
22 e 23: Tentativa infrutífera dos peloponésios contra Lesbos; os atenienses dominam Clazomene	522
24 a 27: Guerra em torno de Míletos	523
28: Os peloponésios ajudam Tissafernes a tomar Íasos e a prender Amorges	527
29: Tissafernes dirige-se a Míletos e entra em negociações a respeito dos subsídios a fornecer aos lacedemônios	527
30: Parte da frota ateniense se desloca de Samos para Quios	528

31: Os peloponésios atacam sem sucesso Ptelêon e Clazomene	528
32: Lesbos negocia sua defecção	529
33 e 34: A frota ateniense que fora de Samos para atacar Quios é dispersada por uma tempestade	529
35: Os peloponésios fracassam no ataque a Quios	530
36 e 37: Segundo tratado de aliança entre os lacedemônios e o rei da Pérsia	531
38: Os atenienses chegam a Quios	531
39: Os peloponésios enviam uma frota a Farnábazos	532
40 a 42: Astíocos desbarata uma flotilha ateniense perto de Cnidos	533
43: Os conselheiros lacedemônios desaprovam o tratado concluído com Tissafernes	534
44: Defecção de Rodes	535
45 e 46: Alcibíades, suspeito aos peloponésios, passa a apoiar Tissafernes e o persuade a ficar equidistante entre os dois lados	536
47: Primeiras gestões de Alcibíades para conseguir retornar a Atenas	538
48 a 54: Conjuração em Samos a favor do retorno de Alcibíades e da abolição da democracia em Atenas	538
55: Os atenienses atacam Rodes e bloqueiam Quios	542
56: Gestão infrutífera de Píсандros junto a Tissafernes e Alcibíades	543
57 a 59: Tissafernes conclui o terceiro tratado com os peloponésios	544
60: Os beócios capturam Ôropos	545
61: Vigésimo primeiro ano da guerra; os quianos travam uma batalha naval sem resultados decisivos com os atenienses	546
62: Defecção de Ábidos e de Lâmpsacos; os atenienses retomam Lâmpsacos	546
63 a 71: Píсандros e os conjurados estabelecem a oligarquia primeiro em Samos e depois em Atenas; governo dos Quatrocentos	546

72 a 77: A frota ateniense em Sarnas se declara a favor da democracia	552
78 e 79: Descontentamento dos peloponésios com Astíocos	556
80: Defecção de Bizâncio	557
81 e 82: Alcibíades, chamado pelas tropas atenienses, volta a Samos, onde é eleito comandante.	558
83 a 85: Oposição do exército peloponésio em Miletos contra Astíocos; substituição de Astíocos por Míndaros.	559
86: Emissários dos Quatrocentos chegam a Samos e tentam, sem sucesso, induzir as tropas a aceitarem o governo oligárquico	561
87 e 88: Tissafernes e Alcibíades vão a Áspendos buscar a frota fenícia	562
89 a 93: Oposição em Atenas ao estabelecimento da oligarquia. .	564
94 a 96: Uma flotilha peloponésia leva a Eubeia a rebelar-se	569
97e 98: Os atenienses depõem os Quatrocentos e constituem um governo composto de cinco mil cidadãos.	571
99 a 103: Os peloponésios se dirigem ao Heléspontos a convite de Farnábazos	572
104 a 106: Batalha naval de Cinossema, vencida pelos atenienses . .	575
107: Os atenienses recuperam Cízicos	577
108 e 109: Regresso de Alcibíades e de Tissafernes; Tissafernes vai para o Heléspontos.	577
<i>Índice Remissivo</i>	579
<i>Tabela de Pesos e Medidas</i>	625
<i>Sobre o Tradutor</i>	627

Apresentação

por Mário da Gama Kury

INTRODUÇÃO

1. O autor

Tucídides nasceu provavelmente entre 460 e 455 a.C., no distrito (*demos*)¹ de Halimunte, em Atenas. Foi atingido pela grave epidemia que assolou a cidade entre 430 e 427 a.C. (ver o livro II, capítulo 48), mas se recuperou e, em 424 a.C., era comandante das tropas atenienses na Trácia (livros IV, capítulo 104 e V, capítulo 26); no exercício de seu cargo não conseguiu evitar que o comandante lacedemônio Brasidas ocupasse Anfípoli, localidade trácia de grande importância no tráfego marítimo de cereais daquela região para Atenas, e por isto foi exilado, ainda em 424 a.C.; somente após vinte anos de degredo retornou a Atenas, e morreu poucos anos depois (por volta de 400 a.C.), sem ter podido terminar a sua única obra, a *História da Guerra do Peloponeso*.

Tucídides pertencia à aristocracia ateniense e foi educado de maneira condizente com sua condição social privilegiada. Foi profundamente influenciado pelas figuras mais brilhantes de sua época em Atenas, então em seu apogeu: Péricles, a quem não poupa elogios; o filósofo Anaxágoras, os sofistas (principalmente Górgias, que viera da Sicília como embaixador pedir a ajuda dos atenienses para a sua cidade natal – Leontinos – e se radicara em Atenas); Antífon, político e orador a quem Tucídides se refere com admiração no livro VIII, capítulo 68. Sófocles e Eurípides, dois

1. Para facilitar a composição tipográfica, as palavras gregas são transliteradas em caracteres latinos.

grandes poetas trágicos, também foram seus contemporâneos (o primeiro também participou da vida pública ateniense e o segundo frequentou os mesmos círculos intelectuais aos quais Tucídides estava ligado). Há referências em autores posteriores (entre outros Marcelino, que viveu na época do imperador Justiniano e escreveu uma *Vida de Tucídides*), a um encontro de Heródoto, historiador da guerra entre os persas e os gregos já famoso na época, com o nosso autor, um pouco mais novo que ele e então adolescente; ouvindo Heródotos ler um trecho de suas *Histórias* durante as exposições literárias que se realizavam simultaneamente com os jogos Olímpicos, Tucídides ter-se-ia emocionado até as lágrimas, revelando a sua vocação de historiador. O episódio pode ser imaginário, mas embora sem mencioná-la especificamente Tucídides parece haver conhecido a obra de seu famoso predecessor (veja-se, por exemplo, o livro I, início do capítulo 21 e parte final do capítulo 22).

De certo modo Tucídides inovou substancialmente o método histórico, influenciado pelo racionalismo de Anaxágoras e pelo espírito crítico e iconoclasta dos sofistas (principalmente Protágoras, Pródicos e Antífon) sofista homônimo do orador e político muito elogiado por Tucídides². Ao longo da obra de Tucídides pode-se observar a cada passo a sua objetividade e o cuidado na aferição da realidade, afastando-se assim do gosto dominante entre os historiadores de então pelo fabuloso e exótico³. A preocupação de Tucídides era mostrar a essência dos fatos e os sentimentos de seus personagens, penetrando no seu íntimo e expondo as verdadeiras razões de sua conduta com uma franqueza às vezes chocante, mesmo aos sentimentos dos leitores de hoje⁴.

Da mesma forma que não teve predecessores em seu método histórico, Tucídides também não teve seguidores com suas qualidades, seja na Grécia, seja no mundo antigo em geral⁵. Mesmo nos tempos modernos,

2. Alguns estudiosos sustentam a tese de que se trataria da mesma pessoa.

3. Veja-se, por exemplo, o livro I, capítulos 21 e 22.

4. Vejam-se, por exemplo, os livros V, capítulos 85 e seguintes – o Diálogo Mélio, e I, capítulo 20 juntamente com VI, capítulo 54 – a motivação real da ação dos tiranidas Harmôdios e Aristógiton, reverenciados como heróis.

5. Xenofonte, que viveu entre 428/427 a.C. e 354 a.C., relatou nos livros I e II de suas *Helênicas* a continuação da guerra do Peloponeso a partir de 411 a.C., onde é interrompida a História de *Tucídides*, até 403 a.C.; Xenofonte leva a sua história dos acontecimentos na Hélade até 362 a.C., com uma lacuna correspondente aos anos 403-401 a.C., complementada por parte de sua *Anábase* quanto às atividades dos helenos na Ásia.

talvez apenas Maquiavel possa comparar-se a Tucídides na profundidade do conhecimento e na exposição realista do comportamento dos homens em geral e dos políticos em particular. Não há certeza quanto a uma eventual influência da obra de Tucídides em Maquiavel; a tradução latina⁶ de Lorenzo Valla foi publicada antes da primeira edição de *O Príncipe* e do *Discurso sobre a Primeira Década de Tito Lívio*, mas embora muito se tenha escrito sobre essa possível e provável influência, nada há de concreto quanto à mesma. Seja como for, é patente a afinidade entre os dois autores, e como há também pontos de contato entre as situações em que ambos viveram (as lutas incessantes entre as cidades-estados da Grécia de Tucídides, à semelhança do que acontecia entre as da Itália de Maquiavel, o apelo a reis alienígenas para intervirem nas intermináveis e ferozes disputas entre as facções políticas locais etc.), confirma-se a afirmação de Tucídides na parte final do capítulo 22 do livro I: “... quem quer que deseje ter uma ideia clara tanto dos eventos ocorridos quanto daqueles que algum dia *voltarão a ocorrer em circunstâncias idênticas ou semelhantes em consequência de seu conteúdo humano*, julgará a minha História útil...”⁷.

2. A obra

A guerra do Peloponeso, cuja história Tucídides escreveu, durou vinte e sete anos (431 a 404 a.C.), e envolveu praticamente todo o mundo helênico e outras regiões mais remotas com as quais a Hélade mantinha relações. A morte impediu o autor de terminar a obra, interrompida no relato do vigésimo primeiro ano da conflagração (411/410 a.C.).

A *História* se compõe em grandes linhas de cinco partes. A primeira (livro I) é uma alentada introdução, subdividida em um prefácio (capítulos 1 a 23) ilustrativo da importância da guerra do Peloponeso em comparação com as anteriores – a chamada “arqueologia” – e numa exposição do método histórico do autor, além de especulações sobre as causas

6. É certo que Maquiavel não conhecia o grego.

7. Um erudito tradutor e comentador italiano da obra de Tucídides, Amedeo Peyron, estabelece um certo paralelo entre o nosso autor e Maquiavel (páginas 39 e 40 do primeiro volume de sua tradução, Turim, 1861).

da guerra com a menção das manobras políticas de ambos os lados, e de algumas digressões destinadas a reforçar a presunção de que o conflito era o resultado inevitável do aumento do poder de Atenas, visto com receios pelos peloponésios em geral e pelos lacedemônios em particular; a segunda (livros II, III, IV e os capítulos 1 a 24 do livro V) corresponde ao segmento da conflagração chamado de “Guerra dos Dez Anos”; a terceira (livro V, do capítulo 25 até o fim) cobre o período da paz precária entre os atenienses e lacedemônios e respectivos aliados; a quarta (livros VI e VII) descreve a guerra na Sicília; finalmente a quinta (livro VIII) cobre parte da chamada “guerra da Decêlea” e o deslocamento das operações para a Ásia Menor.

A intenção de Tucídides, ao escrever a sua *História*, era deixar para a posteridade um “patrimônio sempre útil”, não no sentido de jactância pela qualidade da obra, mas como o próprio autor diz na parte inicial do capítulo 22 do livro I, porque, sendo a natureza humana imutável, se determinadas circunstâncias se reproduzirem em épocas diferentes, os fatos se repetirão de maneira idêntica ou semelhante. Daí o empenho do autor em relatá-los tão detalhada e precisamente quanto possível. Inicialmente, portanto, Tucídides planejou sua obra com fins didáticos, como um manual de estratégia e política. O gênio do autor, todavia, transformou a obra didática em obra de arte.

Tratando-se da história de uma guerra, é natural que o autor tenha dado atenção especial às operações militares; de fato, cerca de metade da obra se compõe de descrições de batalhas navais e terrestres e seus preparativos. Embora as descrições em si mesmas tenham grandes méritos, esta circunstância conduziria inevitavelmente à monotonia se Tucídides, levado por sua inteligência superior e por um sentimento estético invulgar, não houvesse intercalado entre elas numerosos discursos e exortações (quarenta ao todo), além de resumos também numerosos em forma de narrativa, e do extraordinário Diálogo Mélio (livro V, capítulos 85 a 113). O próprio autor⁸ se refere ao seu empenho em dar a esta parte de sua obra a maior autenticidade possível, tentando reproduzir com a máxima fidelidade o que teria sido dito pelos políticos e chefes militares

8. Ver o início do capítulo 22 do livro I.

em suas manifestações. A importância dos discursos, do Diálogo Mélio e das exortações militares é tanta que por si mesmos eles constituem um dos principais atrativos da *História*. Suas qualidades, principalmente sua força persuasiva, fizeram com que um dos principais estudiosos da eloquência ática – Friedrich Blass – incluísse Tucídides entre os oradores que estuda em sua obra clássica *Die Attische Beredsamkeit* (páginas 203 a 244 do primeiro volume, segunda edição, Leipzig, 1887), submetendo as várias orações a uma análise modelar.

Talvez com a mesma intenção de quebrar a eventual monotonia da parte narrativa, Tucídides introduziu em sua obra o texto de vários tratados concluídos entre as partes envolvidas ao longo da guerra; outra intenção do autor pode ter sido demonstrar a inutilidade, ou pouca utilidade, dos mesmos, pois apesar deles a guerra se estendeu por vinte e sete anos. Um indício ponderável do uso dessas transcrições (da mesma forma que dos discursos, do diálogo e das exortações) como recurso contra a monotonia das narrações de batalhas e de seus preparativos, é o fato de as mesmas, de um modo geral, só ocorrerem nos livros onde não há discurso.

Apesar de certas peculiaridades que às vezes tornam necessária redobrada atenção na leitura de sua obra, como por exemplo o acúmulo de orações subordinadas em longos parágrafos⁹, o estilo de Tucídides é perfeitamente adequado às manifestações de seu espírito objetivo e analítico, e ao mesmo tempo às suas preocupações estéticas; a harmonia é completa entre a forma e o fundo; sua arte, como seu pensamento, é austera e vigorosa¹⁰. O agradável que não instrui não o atrai, ao contrário do que ocorria com seus predecessores e continuou a ser praticado por seus sucessores¹¹. Sua imagina-

9. O historiador e crítico literário Dionísio de Halicarnassos, que ensinou em Roma a partir de 30 a.C., dedicou duas monografias à obra de Tucídides (*Sobre Tucídides* e *Carta a Ameus*), criticando-o às vezes como historiador, mas de um modo geral elogiando-o entusiasticamente como estilista. Na obra *Sobre Tucídides* Dionísio alude aos frequentes parênteses de nosso autor, que retardam as conclusões por longo tempo. O mesmo crítico resume com muita propriedade as qualidades mais marcantes do estilo de Tucídides: concisão monolítica, pungência austera, veemência, capacidade de inquietar e comover, e sobretudo um profundo comando do patético (§ 24, página 362 do primeiro volume da edição de Usener-Radermacher, Leipzig, 1899).

10. O mesmo Dionísio enumera os quatro “instrumentos” usados mais frequentemente por nosso autor para dar a seu estilo a excelência sempre louvada: 1) vocabulário invulgar; 2) grande variedade de figuras; 3) austeridade da harmonia das frases; 4) velocidade do pensamento (§ 24 da mesma obra, página 363 da edição citada).

11. Alfred Croiset, na introdução à sua edição comentada do texto dos dois primeiros livros da *História*, lembra que os gramáticos antigos diziam de Tucídides que “o leão raramente consentia em sorrir” (página 92 da primeira edição, Paris, 1886).

ção, embora altamente desenvolvida, é rigorosamente governada pela razão, pela busca do útil e do verdadeiro. Apesar disto, Tucídides possui e, quando as situações justificam, revela repetida e magistralmente o dom do patético em seu mais alto grau (por exemplo, no relato da peste em Atenas, no livro I, e na tragicidade da narração da campanha dos atenienses na Sicília, que Macaulay considera uma obra-prima superior a tudo que a prosa produziu de mais perfeito em qualquer língua¹². O cuidado estilístico de Tucídides, todavia, não o impede de ir até a incorreção gramatical quando se trata de ser expressivo e preciso.

Há certas facetas do estilo de nosso autor que procuramos conservar na tradução: uma é a repetição a intervalos curtos da mesma palavra, quando ele quer dar ênfase a uma ideia ou procura evitar ambiguidades; outra é o uso reiterado de afirmações sob a forma negativa (por exemplo, em vez de dizer que algo é grande, usa a expressão “nada tinha de pequeno”, ou “não era pequeno”), e assim por diante; finalmente, o uso, e às vezes até o abuso, de antíteses, de assonâncias e de outros recursos estilísticos muito ao gosto dos sofistas de sua época, sobretudo de Górgias.

3. A tradução

Serviu de base à nossa tradução o texto da edição de C. Hude, *editiominor* em dois volumes, Leipzig, 1905. Recorremos também com frequência às edições de H. S. Jones (dois volumes, Oxford, 1942), além da preciosa edição comentada dos livros I e II por Alfred Croiset (Paris, 1886). Consultamos também, nas passagens mais obscuras do texto, as traduções de E. A. Bétant (quinta edição, Paris, 1886), de Jacqueline de Romilly Raymond Weil e Louis Bodin (Paris, 1963-1972, seis volumes), de Amedeo Peyron (Turim, 1861), de C. F. Smith (Londres, 1928, quatro volumes) e de Richard Crawley (Londres, 1886). Para os topônimos e detalhes geográficos em geral, deverá ser consultado o índice, que procuramos tornar o mais completo possível, inclusive com a inclusão dos antropônimos.

12. *Life of Lord Macaulay*, volume I, página 499. O mesmo Macaulay diz de Tucídides: “He is the greatest historian that ever lived” (citado por C. F. Smith na introdução à sua edição da História, página XVI).

Somente uma profunda admiração pela obra de Tucídides nos levaria a tentar traduzi-la. As dificuldades decorrentes do empenho em conciliar a máxima fidelidade ao original com um mínimo de clareza, foram realmente consideráveis. Poderíamos dizer como o filósofo inglês Thomas Hobbes, um dos mais insignes tradutores e grande admirador de Tucídides, que o esforço foi bem maior que o resultado, pois nos pareceu mais importante ser fiel que agradável, seguindo os próprios princípios do autor. A *História* de Tucídides não é uma obra fácil¹³; deve ser não somente lida, mas também meditada para uma fruição completa, em sintonia com o espírito e a intenção do autor. A recompensa do leitor será a realização do desejo de Tucídides, de que sua obra constitua um patrimônio sempre útil nas mãos e na mente de quem souber usá-la.

Mário da Gama Kury.
Rio de Janeiro, julho de 1981.

13. K. O. Müller, autor de uma das mais conhecidas histórias da literatura grega (citado por Alfred Croiset na página 122 da obra já mencionada), diz do original que às vezes as longas frases de Tucídides são obscuras, e para bem apreender o seu conteúdo em todos os detalhes, para discernir a conexão de todas as ideias, deve-se lê-las duas vezes. Se esta observação judiciosa se aplica ao original, com dupla razão é pertinente quanto à tradução.

LIVRO PRIMEIRO

L O ateniense Tucídides escreveu a história da guerra entre os peloponésios e os atenienses, começando desde os primeiros sinais, na expectativa de que ela seria grande e mais importante que todas as anteriores, pois via que ambas as partes estavam preparadas em todos os sentidos; além disto, observava os demais helenos aderindo a um lado ou ao outro, uns imediatamente, os restantes pensando em fazê-lo. Com efeito, tratava-se do maior movimento jamais realizado pelos helenos, estendendo-se também a alguns povos bárbaros – a bem dizer à maior parte da humanidade. Na verdade, quanto aos eventos anteriores e principalmente aos mais antigos, seria impossível obter informações claras devido ao lapso de tempo; todavia, da evidência que considero confiável recuando as minhas investigações o máximo possível, penso que eles não foram realmente grandes, seja quanto às guerras mesmas, seja quanto a outros aspectos.

2. É óbvio que a região agora chamada Hélade não era povoada estavelmente desde a mais alta antiguidade; migrações haviam sido frequentes nos primeiros tempos, cada povo deixando facilmente suas terras sempre que forçado por ataques de qualquer tribo mais numerosa. Não havia, com efeito, movimento comercial e os povos não se aproximavam uns dos outros sem

medo, seja por terra, seja por mar; cada povo arava sua própria terra apenas o bastante para obter dela os meios de sobrevivência, não tendo recursos excedentes e não plantando para o futuro, pois a perspectiva de saque por algum invasor, especialmente por não haver ainda muralhas, gerava incerteza. Assim, acreditando que poderiam obter em qualquer parte o sustento para as suas necessidades diárias, os povos achavam fácil mudar de paragem e por isto não eram fortes, quer quanto ao tamanho de suas cidades, quer quanto a recursos em geral. E sempre as melhores terras eram mais sujeitas a tais mudanças de habitantes – as regiões atualmente chamadas Tessália e Beócia, a maior parte do Peloponeso exceto a Arcádia, e as áreas mais férteis do resto da Hélade. Os recursos mais consideráveis que se acumularam em algumas regiões em decorrência da fertilidade de suas terras ocasionaram divergências internas que as arruinaram, e ao mesmo tempo as tornaram mais expostas à cobiça de tribos alienígenas. A Ática, sem dúvida, esteve livre de disputas locais, graças à aridez de seu solo e, portanto, foi habitada sempre pela mesma gente desde épocas remotas. Um exemplo suficientemente abonador de minhas palavras é o fato de outras partes da Hélade não terem prosperado de modo comparável à Ática, exatamente por causa de tais migrações; também os homens mais influentes de outras regiões da Hélade, quando expulsos de suas cidades em decorrência de guerra ou sedição, refugiavam-se em Atenas, comunidade firmemente estabelecida, e, adotando a cidadania ateniense, desde os tempos mais recuados fizeram a cidade cada vez maior em termos de habitantes; tanto foi assim que a Ática se tornou insuficiente para abrigá-los e, portanto, muitos tiveram eventualmente de ser mandados de lá para colônias até na Iônia.

3. A fraqueza característica dos tempos antigos em minha opinião se evidencia também pela circunstância de que, antes da guerra de Troia, a Hélade presumivelmente não se engajou em qualquer iniciativa conjunta. De fato, parece-me que como um todo ela ainda não tinha sequer este nome, mas antes da época em que viveu Hélen, filho de Deucalíon, tal denominação nem existia, e as diversas tribos, principalmente a pelásgica, davam seus próprios nomes às várias regiões; quando, porém, Hélen e seus filhos se tornaram poderosos na Ftiótida e foram chamados a ajudar outras cidades, aqueles povos daí em diante passaram mais frequentemente a ser chamados helenos, por causa de suas ligações, embora muito tempo tenha passado antes de a

designação prevalecer para todos eles. A melhor evidência disto é Homero. Com efeito, apesar de ter vivido muito tempo depois da guerra de Troia, ele em parte alguma de suas obras usa tal denominação para todos, ou mesmo para qualquer deles, exceto para os comandados de Aquiles da Ftiótida, que foram de fato os primeiros helenos; em seus poemas ele chama os demais de dânaos, argivos e aqueus. E tampouco usou o termo “bárbaros”, em minha opinião porque os helenos, de sua parte, ainda não se haviam agrupado distintamente a ponto de adquirir uma designação única em nítido contraste com aquela. Seja como for, os povos que então receberam o nome de helenos, primeiro cidade por cidade, quando havia comunidade de língua, e depois como um conjunto, nada empreenderam incorporadamente antes da guerra de Troia, por causa de sua fraqueza e falta de contatos. Mesmo para aquela expedição, eles se reuniram somente quando já estavam praticando com desenvoltura a navegação marítima.

4. Minos foi o mais antigo de todos os personagens tradicionalmente conhecidos a ter uma frota e a conquistar grande parte do hoje chamado Mar Helênico, tornando-se o senhor das ilhas Cícladas e primeiro colonizador da maior parte delas, expulsando os cários¹⁴ e estabelecendo nelas os seus próprios filhos como governantes. Ele também tentou, numa sequência natural, livrar os mares tanto quanto possível da pirataria, para receber com maior segurança os tributos que lhe eram devidos.

5. Com efeito, os helenos de antigamente, bem como os bárbaros estabelecidos no litoral do continente ou nas ilhas, ao intensificarem com suas naus as relações marítimas passaram a praticar a pirataria, comandados por homens aos quais não faltava o poder, mas desejosos de obter ganhos pessoais e sustentar seus sequazes mais fracos. Atacando cidades desprovidas de muralhas e constituídas, de fato, de um agrupamento de povoados, eles as pilhavam, obtendo assim a maior parte de seus recursos, pois aquela atividade ainda não era considerada desabonadora, e até proporcionava um renome de certo modo lisonjeiro. Prova disto é a atitude, mesmo nos dias atuais, de alguns povos do continente, que ainda consideram honroso ser bem-sucedidos em tais aventuras, bem como as palavras dos poetas mais

14. Habitantes da Cária, ao sul da Iônia na Ásia Menor (para os topônimos, gentílicos e nomes próprios em geral, veja-se o índice remissivo ao final deste volume).

antigos, que invariavelmente indagavam de todos que desembarcavam de suas naus se eram piratas¹⁵, de onde se infere que nem aqueles aos quais era feita a pergunta repudiavam a atividade, nem aqueles que pediam a informação assumiam atitude de censura. Também no continente aqueles homens se saqueavam mutuamente e até hoje em muitas partes da Hélade isto ainda ocorre, como por exemplo na região dos lócrios ozólios, dos etólios e dos acarnânios e nas terras continentais vizinhas. Aliás, o costume daqueles povos continentais de portar armas é uma sobrevivência de seus antigos hábitos de pilhagem.

6. Na realidade, todos os helenos costumavam portar armas, porque os lugares onde viviam não eram protegidos e os contatos entre eles eram arriscados; por isto em sua vida cotidiana eles normalmente andavam armados, tal como ainda fazem os bárbaros. O fato de algumas regiões da Hélade ainda manterem esse hábito prova que, em certa época, modos de vida semelhantes prevaleciam por toda parte. Os atenienses, todavia, estavam entre os primeiros a desfazer-se de suas armas e, adotando um modo de vida mais ameno, mudaram para uma existência mais refinada. De fato, não faz muito tempo que os homens mais idosos nas classes privilegiadas, na fase de transição para a vida mais agradável, deixaram de usar túnicas de linho rústico e abandonaram o uso de prender os cabelos em um nó seguro por um broche de ouro com o formato de um gafanhoto; este mesmo modo de trajar-se prevaleceu durante muito tempo entre os iônios mais idosos, devido ao seu parentesco com os atenienses. Roupas mais simples, como as usadas atualmente, foram adotadas primeiro pelos lacedemônios, e em geral os homens mais ricos entre eles evoluíram para um estilo de vida que os aproximou do povo mais que em outras regiões. Os lacedemônios foram também os primeiros a se despir e, após tirar a roupa em público, untar-se com óleo quando iam participar de exercícios físicos, pois em épocas mais remotas, mesmo durante os jogos Olímpicos, os atletas usavam panos enrolados em forma de cintos em volta dos quadris nas competições, e não faz muitos anos que esta prática cessou. Ainda hoje entre alguns bárbaros (especialmente na Ásia, onde há prêmios para a luta e o pugilismo), os competidores usam esses panos nos quadris. É possível demonstrar que os helenos antigos tinham muitos outros costumes semelhantes aos dos bárbaros atuais.

15. Homero, *Odisseia*, canto III, verso 73 e canto IX, verso 252.